

O ENCONTRO, DE ANNE ENRIGHT:
UMA LEITURA SOB A ÓTICA DO NOVO HISTORICISMO

CHAVES, Maria Inês ¹

REICHMANN, Brunilda T. ²

RESUMO: Ao receber o *The Man Booker Prize*, conceituado prêmio da literatura em língua inglesa, pelo romance *The Gathering* [*O encontro*], a irlandesa Anne Enright desponta como uma nova promessa no cenário da literatura internacional. O romance relata a história de Veronica Hegarty, personagem-narradora, que após o suicídio do irmão Liam, o mais próximo em idade e afinidade, passa por um difícil período de adaptação, durante o qual resgata a história e os conflitos de três gerações de sua família. Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise do romance sob a ótica do Novo Historicismo, como uma introdução ao estudo e interpretação da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura irlandesa; Anne Enright; Novo Historicismo.

THE GATHERING, OF ANNE ENRIGHT:
A READING FROM THE PERSPECTIVE OF THE NEW HISTORICISM

ABSTRACT: After winning The Man Booker Prize, a prestigious English literary prize, with *The Gathering*, the Irish writer Anne Enright has achieved a considerable international prominence as a writer in the contemporary literary scene. The book tells the history of Veronica Hegarty, narrator and protagonist, who, after her brother's suicide, goes through a difficult period in order to deal with the event. During this period, she reveals the history and conflicts of three generations of her family. This paper aims to present an analysis of this novel in the light of New Historicism as an introduction to its interpretation.

KEYWORDS: Irish Literature; Anne Enright; New Historicism.

Dublin é o berço de ícones da narrativa ficcional e do teatro, laureados com o Prêmio Nobel da Literatura: William Butler Yeats em 1924, George Bernard Shaw em 1925 e Samuel Beckett em 1969. Além desses nomes, há outros também reconhecidos pela crítica mundial, e portanto não menos importantes, como James Joyce, Oscar Wilde, Abraham Stoker.

¹ Aluna do Curso de Mestrado em Estudos Literários na Uniandrade - Paraná. E-mail: michaves@yahoo.com.

² PhD pela Nebraska University in Lincoln - USA. Professora do Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente do Mestrado em Teoria Literária da Uniandrade - Paraná. Editora da Revista Scripta Uniandrade. E-mail: brunilda9977@gmail.com.

Nesse cenário literário irlandês, vislumbra-se uma nova promessa – Anne Enright, que nasceu e atualmente vive com a família em Dublin. Ela estudou na Irlanda, Canadá e Estados Unidos e trabalhou como roteirista para o canal irlandês RTÉ (Radio Telefis Éireann). Publicou contos no *The New Yorker*, *The Paris Review* e *London Review of Books*.

Autora de contos, livros de ficção e não ficção, Enright era uma escritora praticamente desconhecida pelo público leitor internacional até as premiações recebidas. Mesmo na Irlanda tinha um público seletivo, seus livros não faziam parte das listas dos bestsellers. No entanto, em 2007, recebe o *Man Booker Prize*, conceituado prêmio literário de língua inglesa, que pela terceira vez é concedido a um autor irlandês³. Com o romance *The Gathering* [*O encontro*], passa a ser reconhecida internacionalmente, a venda de seus livros aumenta e há interesse por parte de vários países pelos direitos de tradução da obra. Em 2008 o livro é premiado com o *Irish Novel of the Year*.

The Gathering [*O encontro*] é o quarto livro de ficção publicado por Enright. Em 1995 publicou *The Wig My Father Wore*, em 2000 *What Are You Like?*, em 2002 *The Pleasure of Eliza Lynch*. Publicou, ainda, o livro não ficcional *Making Babies: Stumbling into Motherhood*, em 2004. Após *The Gathering* lançou dois livros de contos – *Taking Pictures*, em 2008, e *Yesterday's Weather*, em 2009.

Além das premiações concedidas ao romance *The Gathering* [*O encontro*], Enright recebeu o *Rooney Prize* de Literatura Irlandesa pelo livro de contos *The Portable Virgin*, o *Royal Society of Authors Encore Prize* pelo romance *What Are You Like?*. Foi a primeira autora a receber o *The Davy Byrne Award* pelo conto “Honey”. Além disso, foi indicada para o *Irish Times/Aer Lingus Irish Literature Prize* pelo livro *The Wig My Father Wore* e para o *Whitbread Novel Award* pelo livro *What Are You Like?*

No Brasil o romance foi recomendado em 2008 pela revista *Veja* e concorreu, nesse mesmo ano, ao 2º Prêmio Cunhambebe, concedido ao melhor livro de ficção estrangeira publicado no Brasil. Não levou o prêmio, mas ficou em 3º lugar, o que pode ser considerado uma conquista uma vez que Enright é praticamente desconhecida no Brasil.⁴

Em 2009, Enright participou da 7ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), aproveitando a oportunidade para divulgar o romance *O encontro*, seu primeiro livro traduzido no Brasil.

³ Roddy Doyle recebeu o prêmio em 1993 pelo livro *Paddy Clarke Ha Ha Ha*, e John Banville em 2005 pelo livro *The Sea*

⁴ Dados relacionados a autora e sua obra foram obtidos através de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, disponíveis on-line conforme referência ao final do artigo.

O encontro relata a história de Veronica, personagem-narradora, que após o suicídio do irmão Liam, o mais próximo em idade e afinidade, passa por um difícil período de adaptação, durante o qual resgata a história de três gerações de sua família: de sua avó Ada, de seus pais e de sua infância, adolescência e juventude com Liam. Os acontecimentos são filtrados por uma mente complexa, que indaga a veracidade de sua própria percepção, recriando algumas situações sob diversas perspectivas.

Considerando a atenção que o romance vem recebendo e o impacto que está causando entre seus leitores, na Irlanda e fora dela, este artigo tem por objetivo realizar uma leitura da narrativa sob a ótica do Novo Historicismo, como uma introdução ao estudo e entendimento da obra.

Em meados de 1980, Stephen Greenblatt inicia um movimento, hoje conhecido como Novo Historicismo, no qual se evidencia a preocupação de recuperar, nos textos literários, as circunstâncias históricas originais de sua produção e consumo, analisando a relação entre essas circunstâncias e as atuais.

Segundo Lois Tyson (1999), a história como discurso é, inevitavelmente, tendenciosa, seguindo o ponto de vista, consciente ou inconsciente, daqueles que a escreveram. Tyson ressalta que é inviável saber exatamente o que realmente aconteceu na história, mas, através dos relatos das pessoas envolvidas, podemos saber o que essas pessoas acreditam que aconteceu. Através desses relatos tomamos conhecimento dos vários modos que os fatos foram interpretados e podemos interpretar essas interpretações.

Para Tyson, não é possível entender o evento histórico como algo isolado da rede de discurso em que esse ocorreu uma vez que não se pode compreender o seu significado sem entender o significado que teve no tempo que foi produzido. O novo historicista considera a história como um texto que pode ser interpretado da mesma forma que o crítico interpreta textos literários, considerando fontes primárias e secundárias de informação para a sua análise e interpretação.

Tyson enfatiza também que o novo historicista não está preocupado com os eventos históricos, mas como esses eventos são interpretados. Para eles eventos históricos não devem ser considerados como fatos a serem documentados, mas como textos que devem ser interpretados para poderem ajudar a especular como as culturas, em vários momentos históricos, entenderam a si próprias e ao mundo.

Ivan Teixeira (1998) destaca que no entendimento de Greenblatt a literatura não pode ser considerada um fenômeno isolado das demais práticas sociais, devendo ser interpretada “como uma dentre as muitas estruturas em que é possível ler o espírito de uma época”.

Segundo Teixeira, isso não significa entender a obra como reflexo do contexto ou considerá-la como “pano de fundo para uma compreensão supostamente politizada da obra”, mas sim entendê-la como parte integrante do discurso histórico. Dessa forma, a literatura constitui-se como uma possibilidade para interpretar a história.

Tyson, Greenblat, dentre outros, entendem que no campo literário o Novo Historicismo procura estabelecer o porquê de um dado texto literário ter sido escrito naquele tempo, naquela sociedade. Para isso, podem-se utilizar outras fontes para obter mais informações sobre o tempo, espaço e a situação que levou o autor a produzir o referido texto. O Novo Historicismo tenta interpretar a cultura daquele tempo analisando o material disponível sobre a questão – trabalhos literários, documentos políticos e sociais, e se possível, pessoas contemporâneas aos fatos narrados no texto em análise. Em relação a isso Thomas Bonnici (2005) destaca que:

O texto literário está envolvido num amplo conjunto formado por elementos históricos, culturais, políticos, econômicos e sociais. O texto literário está imerso numa construção verbal ligada a um período e a um lugar específicos, os quais sempre têm conotações políticas. Como discurso ideológico, o texto literário veicula o poder e participa positivamente na construção e na consolidação de discursos e ideologias. Ele também é um instrumento na construção de identidades individuais e coletivas (por exemplo, de nações). A literatura e qualquer outro texto religioso, político, histórico, portanto, fazem a história, desenvolvem a ideologia e iniciam a hegemonia. (p. 219)

Para os críticos novos historicistas o texto literário compreende a rede de significados sociais que estão funcionando no tempo e espaço em que o texto foi escrito. Assim, para o crítico do Novo Historicismo, o texto literário através da experiência humana em um determinado tempo e lugar é interpretação de história. Dessa forma, o texto literário delinea o discurso que estava sendo circulado no tempo que o texto foi escrito constituindo-se, também um desses discursos. Ou seja, o texto literário molda e foi moldado pelo discurso circulante onde ele foi produzido. Assim, em consonância com Tyson, nossa interpretação da literatura molda e é moldada pela cultura em que vivemos.

O Novo Historicismo postula, ainda, que o poder não emana apenas da estrutura política e sócio econômica, ele circula em todas as direções, de todos os níveis sociais, em todos os tempos, sugerindo que as definições de insanidade, crime, perversão sexual são construídos para que os que estão no poder mantenham o controle (Michel Foucault citado em Tyson, 1999).

Tendo em vista os pressupostos teóricos apresentados até agora, torna-se relevante mencionar que o livro *O encontro*, objeto de estudo deste artigo, foi lançado em 2007, quando

a mídia internacional fazia ampla divulgação de casos de pedofilia ocorridos em vários países. Esse interesse é, basicamente, resultado da repercussão causada pela publicação, em 1989, do livro *The God Squad*, de Paddy Doyle. Nas palavras do autor “O livro é a respeito da abdicação da sociedade sobre a responsabilidade em relação à criança. O fato de que eu era aquela criança, e o livro é a respeito de minha vida, é bastante irrelevante. A probabilidade é que tenha existido, e ainda existam, milhares como eu” [minha tradução]⁵.

Dentro desse contexto *O encontro* apresenta-se como uma obra literária repleta de possibilidades para interpretação, particularmente se for realizada uma análise vinculada à história sócio-cultural entre o início e o fim do século XX.

Nos últimos anos houve denúncias e investigações de atos de pedofilia praticados por membros do clero da Igreja Católica em todo o mundo. A imprensa noticiou casos nos Estados Unidos, Alemanha, Irlanda, Holanda, Itália, Áustria e Suíça. A Irlanda, em particular, o poder opressor da Igreja Católica foi um dos principais motivos para o alto índice de casos registrados.

Kevin Lalor⁶ (citado na *Folha de São Paulo*, 23 abr. 2010) explica "que até os anos 1990 era praticamente impossível desafiar a Igreja". Segundo ele a Igreja Irlandesa se converteu, no início do século 20, numa força antibritânica antes da independência em 1921. Destaca, ainda, que "mais do que em nenhum outro país, a Igreja era um braço do Estado". A imensa maioria dos colégios e dos hospitais estava em mãos da hierarquia católica, que sempre tinha algo a dizer, inclusive sobre a composição do governo.

Sue Donnelly⁷ (citada na *Folha de São Paulo*, 23 abr. de 2010) esclarece que "o padre era o símbolo da moralidade e da castidade e era muito respeitado. Ressalta que em caso de denúncia a comunidade, os amigos e a família não acreditariam na vítima. Os próprios pais condenariam uma criança que resolvesse denunciar abusos. Donnelly ressalta que a vítima tinha, ainda, que superar a dificuldade de mencionar questões de sexualidade na sociedade irlandesa conservadora da época e caso resolvesse denunciar sofreria as conseqüências de "não ser mais um bom católico".

Lalor destaca que “era um período em que a mãe dizia que 'recebeste o que mereceu' quando uma criança se queixava de ter sido castigado pelo professor". A polícia entendia que o assunto era uma questão moral e não legal, acreditava que uma conversa com o bispo era o

⁵Original em inglês: “It is about a society’s abdication of responsibility to a child. The fact that I was that child, and the book is about my life, is largely irrelevant. The probability is that there were, and still are, thousand of ‘me’s.”

⁶Psicólogo e diretor da Escola de Ciências Sociais do Instituto Tecnológico de Dublin

⁷Socióloga da University College Dublin

melhor que podia ser feito. Em consonância do Lalor “não havia nenhum mecanismo para tratar o problemas”

Helen Buckley⁸ (citada na *Folha de São Paulo*, 23 abr. de 2010) ressalta que a população não estava realmente sensibilizada com o problema. Segundo ela, "há até 15 ou 20 anos acreditava-se que os abusos sexuais eram cometidos por poucas pessoas, como doentes mentais ou alcoólatras". Buckley explica que nos anos 1990, as pessoas começaram a falar disso, incentivadas por vários serviços de assessoria colocados em funcionamento, "a Igreja começou a perder sua aura", enfatiza.

Lalor considera “que para a sociedade irlandesa a crise atual de pedofilia é uma mudança brusca em relação ao passado conservador e austero da Igreja no país, concluindo que “de repente passamos de uma ausência total do tema à grande exposição atual”.

Em relação ao poder exercido sobre a criança Foucault postula que “o sexo das crianças tornou-se ao mesmo tempo um alvo e um instrumento de poder”. Enfatiza, que a miséria sexual da infância e da adolescência, tornada subitamente importante, constituía-se como “uma rede de poder sobre a infância” (FOUCAULT, 1979, p. 232).

Em *O encontro* a personagem-narradora, após descrever a cena em que acredita ter testemunhado o abuso sexual praticado por Lambert Nungent contra seu irmão Liam demonstra certeza e ao mesmo tempo dúvida sobre o fato “Sei que meu irmão Liam foi molestado sexualmente por Lambert Nugent. Ou provavelmente foi molestado sexualmente por Lambert Nugent” (ENRIGHT, 2008, p. 205). Sua mente confusa manifesta dúvidas sobre várias questões “Há coisas que eu não sei; se fui tocada por Lambert Nugent, se meu tio Brendan ficou louco por causa dele, se minha mãe ficou boba por causa dele, se minha tia Rose e minha irmã Kitty escaparam (ENRIGHT, 2008, p. 205-206).

A obra apresenta, contudo, indícios que, se interligados a registros históricos da Irlanda, podem neutralizar as incertezas de Veronica e concluir que o abuso realmente ocorreu. Não existe na obra uma descrição detalhada sobre todos os eventos da vida de Ada, avó de Veronica, há, no entanto, detalhes que relacionados com a história da época permitem preencher algumas lacunas.

A história de Ada começa a ser narrada a partir de seu encontro, em 1925, com Charlie Spillane e Lambert Nungent uma vez que Verônica acredita que tudo que se sucedeu com seu irmão Liam, que culminou com o seu suicídio, teve início nesse encontro:

⁸ Especialista em proteção à infância no Trinity College de Dublin

As sementes da morte do meu irmão foram plantadas muitos anos atrás. A pessoa que as plantou está morta há muito, pelo menos penso que está. Então se quero contar a história de Liam, tenho de começar muito antes de ele nascer. (ENRIGHT, 2008, p. 17)

Nessa época, Ada tinha 19 anos, Charlie 33 anos e Lambert 23 anos. Analisando-se as idades desses personagens, é possível inferir que Ada nasceu em 1906, Charlie em 1893 e Lambert Nungent em 1902. Não há na obra nenhuma referência a nenhum fato da vida de Charlie ou Lambert anterior a 1925. Em relação a Ada, no entanto, existe referência ao fato que ela ficou órfã quando tinha 10 ou 11 anos. Assim, embora nada seja dito no livro, é possível que ela tenha sido encaminhada para um reformatório para crianças [*industrial schools*⁹], que foram instituídos na Irlanda por volta de 1868 com a função de cuidar de crianças órfãs e abandonadas, sob a direção do clero.

Caso isso tenha ocorrido e com base nos registros disponíveis sobre esses reformatórios, é possível que ela tenha sofrido abusos e nem mesmo soubesse o que isso significava. Além do mais, mesmo que tivesse consciência do que estava acontecendo, possivelmente, não teria coragem de falar sobre o assunto. Na obra, Verônica constata que as crianças não tinham voz “Porque as crianças daquela época eram pouco importantes. Nós três Hegarty éramos claramente de *pouca importância*” (ENRIGHT, 2008, p.216).

Ela constata, ainda, que ninguém falava sobre o assunto:

Mas nunca teria tirado essa conclusão por conta própria: se eu não estivesse ouvindo rádio, lendo o jornal, ouvindo o que acontecia em escolas, igrejas, nas casas das pessoas. Aquilo estourou na minha cara e mesmo assim eu não entendi. E por isso, eu também sinto muito. (ENRIGHT, 2008, p. 158)

Veronica afirma que não culpa a avó por nada que ocorreu e que não sabe a razão de não lhe atribuir nenhuma culpa

Esse é o momento em que nos damos conta de que o tempo todo foi culpa de Ada.

O filho louco e a filha vaga. As vagas gravidezes sem fim da filha, a maneira como cada um e todos os netos dela deram vagamente errado. **Esse é o momento em que perguntamos o que Ada fez** (porque deve, com certeza, ter sido alguma coisa) para trazer tanta morte ao mundo.

Mas não a culpo. E não sei por que não a culpo. (ENRIGHT, 2008, p. 204, minha ênfase).

Aqui, se valermos da hipótese que Ada foi molestada em sua infância, e que provavelmente não entendeu o real significado do que ocorreu, é possível concluir que,

mesmo sabendo que seus filhos e/ou netos estavam sendo molestados, não iria fazer nada a respeito, pois ela não possuía um entendimento concreto sobre o assunto, assim entender-se-ia sua atitude e não lhe atribuiria culpa pelas conseqüências de sua posição omissa, uma vez que também fora vítima de algo que não entendia.

É importante destacar que Enright faz menção, através da narrativa de Verônica, à presença de Frank Duff:

Na verdade, Frank Duff passara seus primeiros anos resgatando prostitutas das ruas de Dublin. Era isso que fazia em 1925, aquele homem adorável, inteligente; organizava as missões, tirava as garotas dos bordéis, as comprava de suas donas e as levava para retiros. Era isso a Legião de Maria no começo, grande trabalho. Na Quaresma de 1925, quando Ada conheceu Charlie, Frank Duff estava fazendo muito mais que suas orações. (ENRIGHT, 2008, p.87)

A inserção de Duff como personagem reforça a teoria que Ada passou por momentos de dificuldades em sua vida uma vez que Frank Duff não é um personagem fictício, mas uma pessoa real, sendo um dos fundadores do grupo católico Legião de Maria, que teve início em 1921 como Associação de Nossa Senhora da Misericórdia, e que em 1925 já tinha estabelecido, aproximadamente, cinco grupos de ajuda a pessoas necessitadas em Dublin.¹⁰

Constata-se que os fatos narrados na obra de Enright compreendem o período de 1925-1998 – do início do século até os anos 1990 “coisas”, como relata a narradora, estavam acontecendo; a década de 1990 marca o início da revelação dessas “coisas”, a partir de ampla divulgação na imprensa internacional. *O encontro* permanece, no entanto, como uma para o leitor, nada fica claro ou evidente. Há inúmeras lacunas a serem preenchidas pelo leitor em relação aos acontecimentos narrados. Nesse sentido, a obra parece espelhar, principalmente através dessas lacunas, a sociedade no que diz respeito ao silêncio em relação ao abuso contra a criança.

REFERÊNCIAS

BBC Brasil. Conheça os escândalos mais recentes na Igreja em vários países. 26 mar. 2010. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u712348.shtml>> Acesso em: 24 maio 2010.

⁹ Os dados sobre *industrial schools* foram obtidos no site <<http://www.paddydoyle.com/a-history-of-neglect/>>, onde há um resumo da história de negligência à criança na Irlanda, no período compreendido entre 1858-2002.

¹⁰ Dados obtidos nos seguintes sites: <<http://www.paginaorient.com/santos/frankduff.htm>>; <<http://www.legionofmary.com/legionsaints/frankduff.html>>.

BIRNE, Eleanor. *What Family Does to You*. London Review Bookshop. Vol. 29, n. 20, 18 out. 2007. Disponível em: <<http://www.lrb.co.uk/v29/n20/eleanor-birne/what-family-does-to-you>> Acesso em: 15 maio 2010.

BONNICI Thomas. Novo Historicismo e materialismo cultural. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lucia Ozana (Organizadores). *Teoria literária – Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 217-222.

CHAVES, Teresa. *Busca pela palavra impulsionou a escritora irlandesa Enright*. *Folha Online*. 29 jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u578788.shtml>> Acesso em: 15 maio 2010.

---. *Anne Enright explora hoje na Flip a sensualidade da mulher irlandesa*. *Folha Online*. 04 jul. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u590726.shtml>> Acesso em: 15 maio 2010.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto I – Prolegômenos e teoria da narrativa*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

ENRIGHT, Anne. *O encontro*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

EWINS, K. *The TLS on Anne Enright*. *Times Online*. 17 oct. 2007. Disponível em: <http://entertainment.timesonline.co.uk/tol/arts_and_entertainment/the_tls/article2677412.ece> Acesso em: 15 maio 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

---. *The Foucault Reader*. Ed. Paul Rabinow. New York: Pantheon, 1984.

FOLHA de São Paulo Online. Análise: Por que a Irlanda esperou tanto para denunciar a pedofilia na Igreja? 23 abr. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u724941.shtml>> Acesso em: 24 maio 2010.

GALLAGHER, Djinn. *The most reliable narrator of all moves to light the lamps*. *The Independent*. 22 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.independent.ie/entertainment/books/the-most-reliable-narrator-of-all-moves-to-light-the-lamps-124483.html>> Acesso em: 15 maio 2010.

GREENBLATT, Stephen. O Novo Historicismo: ressonância e encantamento. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p.224-261.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lucia Ozana (Organizadores). *Teoria literária – Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 33-56.

KENNEDY, AL. *The din within*. *The Guardian*. 28 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2007/apr/28/featuresreviews.guardianreview17>> Acesso em: 15 maio 2010.

Man Booker Prize. Disponível em: <<http://www.themanbookerprize.com/>> Acesso: 24 maio 2010.

Prêmio Cunhambebe. Disponível em: <http://www.premiocunhambebe.org/cunhambebe/index.php?Id=pt60i>> Acesso em: 24 maio 2010.

REVISTA *Veja*. Edição 2070. 23 de julho de 2008. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/230708/veja_recomenda.shtml> Acesso em: 25 maio 2010.

SCHILLINGER, Liesl. *Liam's Wake*. The New York Times. 30 set. 2007. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/09/30/books/review/Schillinger-t.html>> Acesso em: 15 maio 2010.

SCHWALL, H. In: *Irish University Review: a journal of Irish Studies*. Autumn-Winter, 2007. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_hb162/is_2_37/ai_n29400083/> Acesso em: 15 maio 2010.

THE Irish Times. Irish novelist beats the odds to win Booker Prize for 'The Gathering'. 17 out. 2007 Disponível em: <<http://www.irishtimes.com/newspaper/frontpage/2007/1017/1192565609148.html>> Acesso em: 25 maio 2010.

TEIXEIRA, Ivan. *New Historicism*. In: *Cult* 17, dez/98, p. 12-15. Disponível em: <http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult_fortunacritica_6.pdf> Acesso em: 26 maio 2010.

TYSON, Lois. *Critical Theory Today: A User Friendly Guide*. New York & London: Garland Publishing, Inc., 1999.